



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**A CÉU ABERTO:
Conflitos nas minas de ferro do quadrilátero ferrífero de Minas Gerais**

Júlia Rohden Ramos

Florianópolis
Junho 2016

Júlia Rohden Ramos

**A CÉU ABERTO:
Conflitos nas minas de ferro do quadrilátero ferrífero de Minas Gerais**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a aprovação na disciplina Técnicas de Projetos em Comunicação, ministrada pela **Profa. Daiane Bertasso**, no primeiro semestre de 2016.
Orientador indicado: Daisi Vogel

Florianópolis
Junho 2016

FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC		
ANO	2016	
ALUNO	Júlia Rohden Ramos	
TÍTULO	A céu aberto: Conflitos nas minas de ferro do quadrilátero ferrífero de Minas Gerais (título provisório)	
ORIENTADOR	Daisi Vogel	
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/> Impresso	
	<input type="checkbox"/> Rádio	
	<input type="checkbox"/> TV/Vídeo	
	<input checked="" type="checkbox"/> Foto	
	<input type="checkbox"/> Web site	
	<input type="checkbox"/> Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/> Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/> Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/> Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/> Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input checked="" type="checkbox"/> Reportagem livro-reportagem ()	<input type="checkbox"/> Florianópolis <input checked="" type="checkbox"/> Brasil <input type="checkbox"/> Santa Catarina <input type="checkbox"/> Internacional <input type="checkbox"/> Região Sul País: _____
ÁREAS	Jornalismo; Economia; Mineração	
RESUMO	Este projeto de trabalho de conclusão de curso aborda o modelo de exploração de minérios de ferro no Brasil a partir de cinco municípios (Raposos, Brumadinho, Congonhas, Itabira e Mariana) localizados no quadrilátero ferrífero (MG), região que concentra as principais jazidas do minério. Este projeto de grande reportagem em texto tratará de uma pauta macro econômica-social, tentando responder, por meio de entrevistas e dados, a questão: qual o impacto da construção de um polo de mineração na vida de quem está diretamente envolvido? Pretende-se compreender a relação de dependência econômica das cidades com a mineração e os conflitos entre movimentos sociais, sindicatos, prefeitos, comunidade e empresários mineradores.	

EMENTA DO PROJETO

- a. Título do projeto: A céu aberto: Conflitos nas minas de ferro do quadrilátero ferrífero de Minas Gerais
- b. Natureza do projeto: Reportagem em texto
- c. Aluna responsável: Júlia Rohden
- d. Suporte do projeto: Impresso
- e. Instituições envolvidas e equipe: Universidade Federal de Santa Catarina
- f. Semestre programado para realização: Segundo semestre de 2016
- g. Custos e fontes de financiamento: R\$ 3.000,00 de recursos próprios
- h. Indicação do professor-orientador: Daisi Vogel

RESUMO

Este projeto de trabalho de conclusão de curso aborda o modelo de exploração de minérios de ferro no Brasil a partir de cinco municípios (Raposos, Brumadinho, Congonhas, Itabira e Mariana) localizados no quadrilátero ferrífero (MG), região que concentra as principais jazidas do minério. Este projeto de grande reportagem em texto tratará de uma pauta macro econômica-social, tentando responder, por meio de entrevistas e dados, a questão: qual o impacto da construção de um polo de mineração na vida de quem está diretamente envolvido? Pretende-se compreender a relação de dependência econômica das cidades com a mineração e os conflitos entre movimentos sociais, sindicatos, prefeitos, comunidades e empresários mineradores.

Palavras-chave: Jornalismo; reportagem; mineração; quadrilátero ferrífero; Minas Gerais.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
1.1 Justificativa	08
1.2 Objetivos	11
1.2.1 Objetivo Geral	11
1.2.2 Objetivos Específicos	11
2. DESCRIÇÃO	13
3. DESENVOLVIMENTO	17
4. CRONOGRAMA	20
5. ORÇAMENTO	21
6. FINALIDADES	22
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
8. BIBLIOGRAFIA	25
ANEXO A – Termo de Aceite do orientador	26

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é o segundo produtor de minério de ferro, com 19% da produção mundial, e detém em seu território a quinta maior jazida. As reservas indicadas no país alcançam 29 bilhões de minério de ferro, enquanto o valor das reservas mundiais soma 180 bilhões de toneladas. O Quadrilátero Ferrífero se destaca por possuir 72,7% das reservas brasileiras do minério – seguido pelo Mato Grosso do Sul com 13,1% e Pará com 10,7%¹. A região possui relação histórica com a extração que remonta ao surgimento de diversas cidades a partir da exploração colonial de ouro e a centralidade de Minas Gerais na industrialização nacional por meio da extração de ferro nos anos 1940.

Historicamente, a América Latina se configurou como exportadora de produtos primários – no caso do Brasil, especialmente os minerais e a soja. O minério de ferro é extraído para ser exportado principalmente para a China que representou 52,23% do total embarcado em 2014².

A partir da Teoria Marxista da Dependência, é possível compreender a exportação de produtos primários, como o minério de ferro, enquanto dependência econômica do Brasil, condicionada pelo desenvolvimento e expansão de países de capitalismo central. Esta teoria estabelece uma compreensão dialética da relação entre desenvolvimento e subdesenvolvimento, que não compreende o subdesenvolvimento como uma linha evolutiva, rumo ao desenvolvimento. A relação entre países desenvolvidos (chamados de países de capitalismo central) e países subdesenvolvidos (países de capitalismo periférico) é de extremos contraditórios e complementares: os países centrais precisam dos periféricos pela falta mão-de-obra barata e pela transferência de valores, enquanto os periféricos precisam da tecnologia dos países centrais, aprofundando assim sua relação de dependência.

A dependência é uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo marco das relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução da dependência ampliada. O mero fato de que algumas nações industriais produzam bens que as demais não produzem, permite que as primeiras eludam a lei do valor, isso é, vendam seus produtos a preços superiores a seu valor, configurando um intercâmbio desigual. Isto implica que as nações desfavorecidas devam ceder gratuitamente parte do valor que produzem. A função cumprida pela América Latina no desenvolvimento do capitalismo mundial foi de fornecer bens pecuários aos países industriais, e de contribuir para a formação de um mercado de matérias primas industriais (MARINI, 1977, p. 41).

¹ De acordo com a mais recente Edição das Informações e Análises da Economia Mineral Brasileira, produzida pelo Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM) e lançada em 2013.

² Dados do Relatório Anual 2014 – Minério de Ferro, produzido pelo Sindicato Nacional da Indústria da Extração do Ferro e Metais Básicos (SINFERBASE).

Meu interesse em escrever uma reportagem sobre mineração surgiu a partir da imagem quase onírica do mar de lama inundando o vilarejo de Bento Rodrigues, fazendo os bois “nadarem” e deixando marcas da sua destruição nas paredes de casas e escolas abandonadas as pressas. Esse mar de lama que surge “do nada” me lembra Macondo, a cidade do principal romance de Gabriel García Márquez onde o realismo fantástico cria situações repentinas, sem grandes explicações, como por exemplo, a chuva que cai sobre a cidade durante quatro anos, onze meses e dois dias. Ao mesmo tempo, Macondo é uma figura representativa de diversas cidades Latino Americanas sujeitas aos ciclos do capitalismo periférico, presas à eterna situação de exportadora de matéria-prima. A Companhia Bananeira, de Macondo, é semelhante à Mariana e outras cidades dependentes da mineração, onde os ciclos de euforia são sucedidos por ciclos de decadência, evidenciando o quão efêmero é o suposto progresso e desenvolvimento trazido por esse tipo de empresa:

Macondo estava em ruínas. Nas imensas poças d’água das ruas restavam móveis despedaçados, esqueletos de animais cobertos de lírios colorados, últimas recordações das hordas de aventureiros que fugiram de Macondo tão atarantados como haviam chegado. As casas levantadas com tanta urgência durante a febre da banana tinham sido abandonadas. A companhia bananeira desmantelara suas instalações. Da antiga cidade cercada só restavam os escombros (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, p. 314).

A partir de informações recolhidas de artigos e reportagens, selecionei cinco cidades (Raposos, Brumadinho, Congonhas, Itabira e Mariana) que integram o Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais. Nestes lugares, por meio de entrevistas e dados, pretendo escrever uma reportagem que estabeleça a relação entre as particularidades latentes em cada cidade (mina abandonada, projeto a ser instalado, etc) e o modelo de exploração de minério de ferro.

1.1. Justificativa

Com a ampla cobertura sobre o rompimento da barragem do Fundão, em Mariana, em novembro de 2015, a mineração voltou a ser agendada pela mídia. Para além desse episódio – muitas vezes noticiado como um caso extremo e isolado – é necessário investigar a estrutura econômica e política que sustenta esse modelo extrativista de minérios, bem como refletir quem são os beneficiados e os prejudicados.

A partir da clippagem que realizei, percebi que a mídia brasileira de modo geral não está investigando outros locais com potenciais ou reais riscos ambientais e sociais advindos da implantação ou da prolongada história de dependência com a mineração. Um exemplo, é

como a própria cidade de Mariana é retratada: ignora-se os problemas relacionados à Samarco que a cidade sofria antes do rompimento da barragem, como a falta de água em 2014 que levou a adoção do rodízio onde alguns bairros recebiam água apenas durante seis horas por dia por conta do aumento do consumo de água por parte de empresa (PoEMAS, 2015).

A ampliação do projeto para outras quatro cidades, além de Mariana, aconteceu justamente pela ausência de cobertura de outros problemas relacionados à mineração e que se repetem em diversos municípios – como o financiamento de campanhas por empresas mineradoras, a super-exploração dos trabalhadores, a dependência das prefeituras dos tributos pagos pelas mineradoras, a precária fiscalização das barragens e a falta de diálogo das mineradoras com a comunidade.

Congonhas abriga um complexo de dez barragens, denominados Casa de Pedra, que pertencem a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e estão localizadas na área urbana. Em 2013, foi feito um inquérito civil para apurar questões técnicas quanto à barragem de Congonhas e posteriormente foi firmado um termo de ajustamento de conduta com o Ministério Público para adequação da estrutura. Atualmente, o Ministério Público reforça que não há risco de rompimento, mas os moradores seguem com medo. O município foi escolhido para incorporar a reportagem principalmente para complexificar o controle feito pela Fundação Estadual de Meio Ambiente (FEAM) sobre a segurança ou não das barragens de minério de ferro. Para se ter uma ideia, as barragens de Santarém e Fundão constavam no mais recente controle como sendo de “estabilidade garantida pelo auditor” contratado pela mineradora. De acordo com a FEAM, dados de 2014 enumeram 42 estruturas sem garantia. Levantamento feito pelo Estado de Minas mostra que pelo menos 24 se encontram a uma distância média de 2 quilômetros de zonas habitadas, das quais três estão no complexo de Casa de Pedras, a apenas 1,6 quilômetro de áreas habitadas em Congonhas. A cidade é cercada por barragens e um exemplo de como ela afeta a vida dos moradores de inúmeras formas distintas é o dado de que em 2010 a prefeitura varria mensalmente cerca de 120 toneladas de poeira de minério de ferro da cidade (MILENEZ, 2010).

Brumadinho consta no último Relatório da Fundação Estadual do Meio Ambiente (FEAM), de dezembro de 2015, como a única mina de minério de ferro paralisada e sem controle ambiental classificada como “vulnerabilidade ambiental muito alta”. Essa mina pertence à empresa Mineração Geral do Brasil (ex-Extrativa Paraopeba) e estava abandonada desde 2011. Apenas neste ano, a prefeitura iniciou uma negociação para a reabilitação da área que será doada ao Parque Estadual do Rola Moça. O processo ainda está no início e a previsão é que em apenas oito anos a área esteja reabilitada ambientalmente,

porém, sequer houve um detalhamento dos projetos e licenciamento ambiental da atividade de recuperação³.

Raposos, assim como Brumadinho, integra a região metropolitana de Belo Horizonte. Em Raposos houve uma das principais minas subterrâneas do Brasil, a Mina de Morro Velho, responsável por dar à cidade o título de maior índice relativo de silicóticos (doença causada pela inalação de poeira sílica) por população no país (COELHO, 2012). O brasão da cidade ilustra um lenço roxo para representar as viúvas de homens que morreram devido a silicose. Com histórico traumático com a mineração, o município é visado pela Vale para a construção do Projeto Apolo, que prevê uma bacia de rejeitos dez vezes maior do que o Fundão, em Mariana, localizada acima da cidade de Raposos que contém 15 mil habitantes, o vilarejo de Bento Rodrigues tinha em torno de 500 habitantes. Para ser implementada, a mina aguarda licenciamento ambiental que está previsto para sair ainda este ano. As minas de minério de ferro previstas do projeto Apolo tem vida útil de apenas 17 anos e gerarão dois mil empregos na instalação e mil empregos posteriormente – dos quais apenas 5% serão destinados a moradores de Raposos. Outro ponto polêmico é que as minas serão dentro da área prevista para implantação do Parque Nacional das Águas do Gandarela e, de acordo com ativistas do Movimento em Defesa do Gandarela, a Vale, através de pressão política no Governo Federal, conseguiu que os limites do parque fossem drasticamente reduzidos, aumentando sua área de exploração do minério.

Itabira é o município onde surgiu a Vale, em 1942, quando a empresa ainda era estatal e se chamava Companhia Vale do Rio Doce. A cidade tem uma larga trajetória na extração de minério de ferro, mas projeções indicam que em no máximo 50 anos as reservas de ferro encontradas em Itabira estarão esgotadas⁴. As décadas de mineração não significam um desenvolvimento social amplo para Itabira, como se pode confirmar a partir da concentração de renda verificada no último Censo do IBGE, indicando que 56,86% das residências sobreviviam com menos de um salário mínimo mensal por morador, 31,85% sobreviviam com entre um e três salários mínimos para cada pessoa, 5,25% recebiam entre três e cinco salários, 3,46% tinham rendimento mensal acima de cinco salários.

Mariana foi escolhida por ser um marco na história brasileira, palco da maior tragédia ambiental e tema que segue relevante e sem resolução.

³ Conforme informações disponíveis no site da prefeitura <<http://portal1.brumadinho.mg.gov.br/?p=2976#.V3HHgzWNPo0>> Acessado em 20 de jun. 2016.

⁴ Informação disponível em <<http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/camara-destaca/mineracao/itabira-cidade-do-ferro-vive-futuro-incerto-com-a-possibilidade-do-fim-do-minerio>> acessado em 20 de jun. 2016.

A partir de todas as questões que podem ser levantadas com o trabalho em campo nas cidades mencionadas, tentarei compreender qual o impacto da construção de um polo de mineração na vida dos moradores e trabalhadores.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

Compreender qual o impacto da construção de um polo de extração de minério de ferro na vida de quem está diretamente envolvido, a partir da relação de dependência econômica de cinco cidades de Minas Gerais (Raposos, Brumadinho, Congonhas, Itabira e Mariana) com a mineração e dos conflitos entre movimentos sociais, sindicatos, prefeitos, comunidade e empresários mineradores.

1.2.2. Objetivos Específicos

Mostrar a realidade dos trabalhadores da mineração (situação da saúde, aumento do quadro de terceirização, processos trabalhistas contra a Samarco em Mariana, demissões em massa ano passado em Itabira e Congonhas);

Identificar a relação entre rompimentos de barragens de rejeitos e ciclos econômicos da mineração⁵;

Demonstrar a cadeia de controle operacional da Vale e estabelecer relação com o acordo assinado pela empresa junto aos governos de Minas Gerais, Espírito Santo e Governo Federal referente à recuperação, mitigação e compensação dos impactos socioeconômicos e socioambientais do rompimento da barragem do Fundão, em Mariana⁶;

Identificar relação entre as mineradoras e o financiamento de campanha política na esfera municipal e estadual;

Relatar a dependência econômica das prefeituras de Mariana⁷, Itabira⁸ e Congonhas com as taxas pagas pelas empresas mineradoras;

⁵ Conforme analisado no relatório produzido pelo grupo PoEMAS em dezembro de 2015.

⁶ Conforme relatório da Vale, o controle operacional é exercido pelo Bradesco, Mitsui, BNDESPar, Tesouro Nacional e fundos de pensão de trabalhadores (Previ, Petros e Funcef), estes últimos com forte ligação ao campo petista.

⁷ Há pelo menos dez anos Mariana está entre os quatro municípios do Brasil que mais recebe repasses pela Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Naturais (CFEM), segundo consta no site do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). Acessado em maio de 2016. <https://sistemas.dnpm.gov.br/arrecadacao/extra/Relatorios/cfem/maiores_arrecadadores.aspx>

⁸ “No que concerne ao município, Itabira depende em grande medida de repasses da União, destacando-se a contribuição do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e da CFEM na receita orçamentária municipal, com 8,63% e 15,38%, respectivamente” (SANTOS; MILANEZ, 2015)

Identificar mapa de reservas minerais existentes na região, tempo estimado de atividade, lucro estimado e quem detém o direito de lavrar;

Investigar o monitoramento e controle de segurança precários sobre o estado das barragens das minas abordadas, bem como seu completo abandono em alguns casos, controle realizado pela Fundação Estadual de Meio Ambiente (FEAM) e pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM);

Compreender os diversos discursos políticos em torno do novo Marco Regulatório da Mineração;

Examinar os conflitos entre ambientalistas, comunidade e empresas com relação ao uso de água nas barragens de rejeito de minério de ferro que coincide com a falta da mesma para a comunidade.

2. DESCRIÇÃO

O produto que pretendo desenvolver é um texto separado em subtítulos que serão definidos a partir da apuração em Minas Gerais. Também terá fotos coloridas de algumas cidades e personagens entrevistados, com inspiração no projeto gráfico da revista Piauí. Busco um estilo de texto extremamente informativo e de entendimento fácil pelo leitor, com inspiração em reportagens da Agência Pública de Jornalismo, mas também de grandes jornalistas que são referência clássica, especialmente o Audálio Dantas. A idéia é utilizar o cumprimento de um ano do rompimento da barragem do Fundão em Mariana como “gancho” da reportagem, para então seguir o texto explorando outros problemas latentes na extração do minério de ferro. Baseada em outros Trabalhos de Conclusão de Curso de estudantes de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pretendo escrever entre 50 e 55 mil caracteres.

Como procedimento metodológico, utilizarei entrevistas – tentarei fazer o máximo pessoalmente, mas considero a possibilidade de realizar algumas por telefone ou por e-mail, especialmente pela dificuldade em ter acesso a representantes das mineradoras – e pesquisas encontradas em artigos acadêmicos e sites de órgãos governamentais.

A partir de extensa análise de material acadêmico e reportagens sobre o tema, levantei alguns nomes de entrevistados e agrupei em seis categorias – políticos, acadêmicos, lideranças sociais, moradores, fontes oficiais e empresários. Antes da viagem pretendo agendar a maioria das entrevistas, processo que já iniciei, e também classificar as fontes pela ordem de relevância caso não haja tempo para realizar todas as entrevistas. Há fontes, como os moradores das cidades e os trabalhadores das minas, que não tenho como agendar previamente. Nesses casos, a técnica será buscar nomes indicados por outros (por exemplo: pedir para o sindicato indicar trabalhadores de determinada mina).

Abaixo cito as 34 fontes levantadas e uma breve descrição:

Empresários:

- Representante da Mineração Geral do Brasil (ex-Extrativa Paraopeba) – não encontrei o nome do responsável, mas tenho o endereço da suposta sede da empresa em Belo Horizonte. [Brumadinho]
- Diretor-presidente da Vale Murilo Ferreira (ou algum representante da empresa) [Mariana, Raposos, Itabira]
- Gerente-geral da CSN, Núlton Viguetti (ou algum representante da empresa) [Congonhas]

- Diretor-presidente da Samarco, Ricardo Vescovi (ou algum representante da empresa) [Mariana]

Acadêmicos:

- Paulo Rodrigues, geólogo que trabalha em parceria com o Movimento pela Preservação da Serra do Gandarela e também com o Movimento pelas Águas e Serras de Minas Gerais [Geral e Raposos]
- Grupo Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS) da UFJF. Tenho interesse em entrevistar especialmente Bruno Milanez, professor no programa de Pós-graduação em Geografia e no Departamento de Engenharia de Produção e Mecânica da UFJF e que produziu diversos materiais sobre mineração na maioria das cidades que irei visitar [Geral]
- Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais-GESTA da UFMG. Desenvolve um projeto denominado Mapa dos Conflitos Ambientais de Minas Gerais [Geral]

Políticos:

- Prefeito de Raposos: Carlos Alberto Coelho de Azevedo (Sargento Coelho), do PSL [Raposos]
- Prefeito de Brumadinho: Antônio Brandão, do PSDB [Brumadinho]
- Prefeito de Itabira: Damon Lázaro de Sena, do PV [Itabira]
- Prefeito de Congonhas e presidente da Associação dos Municípios Mineradores de Minas Gerais (AMIG): José de Freitas Cordeiro (Zelinho), do PSDB [Congonhas]
- Prefeito de Mariana: Duarte Júnior, do PPS [Mariana]
- Vereador de Brumadinho Lucas Machado, da Rede Sustentabilidade – candidato a prefeito e membro do Movimento Águas e Serras de Casa Branca e da Associação Comunitária Regional de Casa Branca [Brumadinho]

Lideranças/Movimentos Sociais:

- Rodrigo Ferreira da Silva. Representante da Associação Comunitária Nossa Sra. Aparecida, do Bairro Residencial que fica logo abaixo da represa da CSN [Congonhas]
- Maria Tereza Corujo, ambientalista que integra o Movimento pelas Serras e Águas de Minas e o Movimento em Defesa do Gandarela [Raposos]
- Sindicato Metabase de Itabira e Região. Surgiu em 1945, três anos após a criação da Cia Vale do Rio Doce [Itabira]

- Integrante do Movimento dos Atingidos por Barragens [Mariana]
- Integrantes do Amda - Associação Mineira de Defesa do Ambiente [Brumadinho]
- Carolina de Moura Campos, ativista do Movimento em Defesa das Águas e Serras de Casa Branca [Brumadinho]
- Luiz Márcio Viana, membro de Relações Institucionais do Sindicato da Indústria Mineral (Sindiextra), sindicato patronal que defende a mineração [geral]
- Integrantes do Movimento Água Vale Mais [Geral, com foco em Raposos e Congonhas]
- Frente em Defesa do Emprego e das Cidades Mineradoras. A Frente surgiu em 2008, depois que cerca de 1,5 mil pessoas foram demitidas, em sua maioria terceirizados [Geral, com foco em Itabira]
- Articulação Internacional dos Atingidos pela Vale [Geral com foco em Raposos, Brumadinho, Mariana e Itabira]

Moradores/trabalhadores:

- Morador de Raposos
- Morador de Mariana
- Morador de Congonhas
- Alguém que tenha trabalhado na mina abandonada em Brumadinho
- Alguém que tenha trabalho nas primeiras minas da Vale em Itabira

Órgãos Governamentais:

- Roberto Ricardo Vizontin, presidente do ICMBio. O Instituto Chico Mendes da Biodiversidade (ICMBio), a Vale e governos federal e estadual terão que fazer concessões e implantar um tipo de atividade extrativa com impactos minimizados ao meio ambiente para que o Projeto Apolo possa ser instalado [Raposos]
- Superintendências Regionais de Meio Ambiente (SUPRAM). As Superintendências Regionais de Meio Ambiente têm por finalidade planejar, supervisionar, orientar e executar as atividades relativas à política estadual de proteção do meio ambiente e de gerenciamento dos recursos hídricos [Geral]
- Diogo Melo Franco, presidente da Fundação Estadual do Meio Ambiente (FEAM). Toda empresa que possui barragens em Minas Gerais deve entregar anualmente um Relatório de Auditoria, feito por uma empresa independente, contratada pela empresa mineradora para a FEAM. [Congonhas e Mariana]

- Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). Responsável por autorizar lavras e fiscalizar as atividades mineradoras do país [Geral]
- Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Responsável por iniciar o acordo com a Mineração Geral Brasil [Brumadinho]
- Promotor de Justiça Vinícius Alcântara Galvão. Relatou que foi feito inquérito civil em 2013 para apurar questões técnicas quanto à barragem de Congonhas. Segundo ele, o resultado das investigações mostrou que havia ajustes a serem feitos quanto à disposição dos rejeitos de mineração. Foi feito um termo de ajustamento de conduta com a CSN para a adequação da estrutura. Ele reforçou que a empresa cumpriu as determinações e o inquérito foi arquivado. [Congonhas]

3. DESENVOLVIMENTO

O trabalho de pré-apuração da reportagem começou em abril e seguirá até a primeira semana de julho. Nessa fase da reportagem entrei em contato com o relatório produzido pelo grupo PoEMAS (2015) que serviu como base para pensar diversas questões e conhecer o funcionamento da mineração. O relatório falava apenas sobre Mariana, motivo que me levou a escrever o primeiro esboço deste projeto considerando apenas esta cidade. Porém, em conversa com Daisi Vogel, orientadora, optei por ampliar o número de cidade, a fim de ilustrar diversos aspectos da mineração.

A partir da leitura de artigos, dissertações, reportagens e dados nacionais sobre mineração cheguei a uma lista com oito cidades: Brumadinho, Congonhas, Mariana, Raposos, Itabira, Belo Horizonte, São Gonçalo do Rio Abaixo e Conceição do Mato de Dentro. Estava me organizando para passar trinta dias em Minas Gerais, mas fui informada recentemente que terei apenas 22 dias de férias, motivo que me levou a reduzir o número de cidades, eliminando as duas últimas citadas. Ressalto que serão reportadas cinco cidades com minas ou projetos de exploração de minério de ferro – Belo Horizonte está incluída no roteiro de viagem por ser a capital do estado e concentrar órgãos estaduais, grupos acadêmicos e empresários.

Parti então para uma busca mais seletiva, nos sites das prefeituras e câmaras de vereadores dos municípios escolhidos e também por artigos (escolhendo como palavras-chave mineração, quadrilátero ferrífero, e o nome do município). Li cerca de três a quatro artigos de cada cidade e também busquei reportagens sobre elas. Reuni as informações relevantes em arquivos de word separados por cidade, além de um arquivo com dados gerais sobre exploração de minério de ferro no Brasil e em Minas Gerais e outro arquivo com dados da Vale. Relei as informações e criei um novo arquivo que contém cerca de 110 mil caracteres e reúne as informações de todas as cidades com apontamentos em palavras-chave sobre questões mais relevantes de cada município e fontes a serem entrevistadas. Ainda preciso elaborar as perguntas para as fontes e ser mais incisiva no agendamento das entrevistas.

Do dia 17 de julho ao dia 08 de agosto, estarei em Minas Gerais fazendo as entrevistas nas seis cidades. Ao todo, cerca de 550 quilômetros serão percorridos por mim e meu companheiro, que também é jornalista e fará as fotos da reportagem. Tenho consciência que é um projeto ambicioso e para ser bem sucedido é necessário agendamento prévio de entrevista com a maioria das fontes e dias longos de trabalho.

Considerando que meu vôo chega e parte de Belo Horizonte e a quantidade de entrevistas em cada cidade, elaborei um esboço do cronograma (na primeira semana de julho

irei fechar o cronograma de verdade a partir das respostas de agendamento de entrevistas e orientação da Daisi Vogel):

- Belo Horizonte a Itabira (108 km de distância). Ficar em Itabira por três dias e voltarei à Belo Horizonte para partir de novo.

- Belo Horizonte a Raposos, que fica na região metropolitana de Belo Horizonte (30km de distância, tem ônibus a cada trinta minutos, com passagem no valor de R\$ 6,10). Ficarei em Raposos por 3 dias.

- Belo Horizonte a Brumadinho, também fica na região metropolitana de Belo Horizonte (60 km de distância). Ficarei em Brumadinho por dois dias.

- Brumadinho a Congonhas (120km de distância). Ficarei três dias em Congonhas.

- Congonhas a Mariana (72 km de distância). Ficarei três dias em Mariana.

- Mariana a Belo Horizonte (120 km de distância). Ficarei oito dias em Belo Horizonte para realizar as entrevistas com órgãos governamentais e acadêmicos.

Com relação aos gastos, além dos R\$623,00 de passagens de ida e volta Florianópolis-Belo Horizonte, irei gastar com o transporte entre as cidades (ainda não decidi se farei tudo de ônibus ou se alugarei um carro), alimentação e hospedagem. Tenho hospedagem garantida na casa de amigos em Belo Horizonte e em Mariana, sendo necessário pagar por albergues em Congonhas e Itabira. Também não decidi se passarei os dias em Brumadinho e Raposos (municípios da região metropolitana de Belo Horizonte) e voltarei para dormir em Belo Horizonte, ou se dormirei nessas cidades, porque dependerá da facilidade de transporte e do custo dos albergues.

Para facilitar a escrita da reportagem, que acontecerá depois da viagem, ao fim de cada entrevista irei anotar as impressões (detalhes, ambientes, gestos). Também realizarei anotações durante as entrevistas, assim não será necessário transcrever ou escutar horas de gravação ao retornar à Florianópolis, recorrendo ao gravador apenas no processo final de confirmação das informações.

Ao retornar de Minas Gerais, na segunda semana de agosto, pretendo reunir todo o material que tenho e montar a estrutura do texto – pensar em subdivisões, no encadeamento das informações, se todas as fontes entrevistadas entrarão na matéria, etc. A partir de então, iniciarei o processo de escrita e edição do texto que tem prazo de encerrar dia 21 de outubro. A meta é escrever todos os dias pela manhã, no mínimo quatro horas por dia dedicadas à escrita do texto e checagem de informações. Na última semana de outubro pretendo me dedicar a editar o texto, especialmente cortando informações ou descrições que julgo desnecessárias e ajustando o ritmo do texto.

De 29 de outubro a 12 de novembro pretendo me dedicar a revisão do Projeto para a elaboração do Relatório do TCC, com a atualização das informações que constam neste projeto e os ajustes necessários a partir da disciplina de Projetos Experimentais em Comunicação.

Entre os dias 13 e 20 de novembro, irei me dedicar a mais uma revisão do texto e a diagramação. Estimo que a diagramação seja realizada em três dias. A revisão do texto acontecerá nesta etapa, após algumas semanas do término do texto, para evitar ao máximo o “olhar viciado” – quando de tanto ler e reler uma mesma frase não percebemos mais os erros. Dentro deste cronograma, o trabalho (tanto o produto, quanto o projeto) estará pronto no dia 21 de novembro. Evidente que há grandes chances do cronograma ser alterado a partir do retorno de Minas Gerais, especialmente quando souber a data de apresentação do trabalho.

5. ORÇAMENTO

Planejo gastos, oriundos de economia pessoal, com transporte de Florianópolis até Belo Horizonte (R\$ 620,00 ida e volta), transporte entre cidades de Minas Gerais através de ônibus e caronas (cerca de R\$ 500,00), alimentação por 21 dias (cerca de R\$ 1.050,00) e hospedagem na casa de conhecidos e, quando não for possível, albergues (gastar no máximo R\$ 850,00 com hospedagem). Possuo câmera fotográfica e consegui um gravador emprestado, não sendo necessário comprar nenhum outro equipamento. Não estão planejados gastos com edição ou diagramação, visto que estas tarefas também serão realizadas por mim.

Em acordo com a tabela de frila do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, que indica o valor de R\$ 280,00 por produção (texto, edição e diagramação) de página de revista, o valor total cobrado por este trabalho seria de R\$ 7.000,00, considerando que estimo 25 páginas de reportagem.

6. FINALIDADES

Espero contribuir no debate sobre o modelo econômico adotado pelo Brasil, a partir da demonstração das consequências do padrão da exportação de commodities – que podem ser compreendidas através do recorte dos cinco municípios citados ao longo deste Projeto. Considero a reportagem um instrumento de transformação social, partindo da teoria de Genro Filho sobre a potencialidade revolucionária do jornalismo na perspectiva de uma sociedade sem classes.

O jornalismo moderno possui não só um potencial crítico e revolucionário na luta contra o imperialismo e o capitalismo, mas um "potencial desalienador" insubstituível para a construção de uma sociedade sem classes. Ele permite, pela natureza mesma do conhecimento que produz, uma imprescindível participação subjetiva no processo de significação do ser social. (GENRO FILHO, 2012, p.187).

Entendo que é dever do Estado formular uma política pública democrática e transparente para o setor mineral, incorporando orientação ambiental e socialmente referenciada para a adoção das melhores soluções tecnológicas de recuperação e disposição de rejeitos. Espero que a partir da comoção massiva criada com a tragédia de Mariana, seja possível que o conhecimento sobre os riscos e impactos gerados pela mineração relatados no produto final (a grande reportagem em texto) aumente a pressão social sobre o Estado e as empresas, colaborando para a construção de novos sistemas de controle da exploração de bens minerais.

No nível pessoal, o processo de construção desta grande reportagem em texto deverá contribuir na minha formação especialmente pelo desafio de, pela primeira vez, planejar sozinha a apuração em outro estado do Brasil – com tempo e recursos financeiros limitados – sobre um tema que requer domínio de termos técnicos, cruzamento de dados e uma compreensão da dinâmica econômica. Com a possibilidade de passar apenas 22 dias (período de férias do estágio) em Minas Gerais, é necessário que seja realizada uma vasta pesquisa, acompanhada de roteiro, cronograma e contato com as fontes antes da viagem.

O leque amplo de fontes utilizado no intuito de complexificar a questão da exploração de minério de ferro traz a expectativa com relação aos entrevistados e seus diversos interesses políticos. Creio que poderei aprimorar meu senso crítico, com base nos códigos deontológicos e da ética jornalística, para compreender as matizes das percepções da realidade de cada fonte, sem assumir o discurso da mesma.

Ser independente da fonte é um desafio clássico e já bastante conhecido. Trata-se de não permitir que a proximidade necessária entre o repórter e a sua fonte se transforme na cooptação do repórter pela fonte. (BUCCI, 2000, p. 197).

Além dos aprendizados no planejamento e na apuração, também há expectativas quanto ao processo de escrita e edição. A ideia é que não haja uma linha sem informação, mas que a construção narrativa traga fluidez a um tema aparentemente enfadonho (raros são os leitores que a priori queiram ler sobre exploração de minério de ferro). Tal perspectiva parte da afirmação de Genro Filho (2012) que, ao criticar o jornalismo literário, afirma “as boas exceções [de jornalismo literário] confirmam a regra: não vale a pena substituir bom jornalismo por má literatura”.

A catástrofe em Mariana, principal gancho dessa reportagem, completará um ano em novembro de 2016. Os grandes veículos devem enviar equipes para reportagens do estilo “um ano depois”. Porém, baseado no que se observou das notícias e reportagens feitas desde o rompimento da barragem do Fundão, é de se esperar que poucas reportagens tenham interesse em abordar de forma mais profunda outras consequências do mesmo modelo de exportação que, em última instância, causou a tragédia em Mariana. Tendo isto em mente, pretendo tentar publicar a reportagem em algum veículo, como a Agência Pública de Jornalismo. Também é possível, a partir de contatos já estabelecidos em Minas Gerais, que a reportagem seja apresentada em eventos sobre mineração promovidos por universidades ou movimentos sociais.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COELHO, Tádzio Peters. **Mineração e dependência no quadrilátero ferrífero-aquífero: o discurso do desenvolvimento minerador e o projeto apolo**. Rio de Janeiro: 2012.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. V. 6. Florianópolis: Insular, 2012.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da dependência**. In: TRASPADINI, R.; STÉDILE, J. P Ruy Mauro-Marini. Vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MILANEZ, B. **Grandes minas em Congonhas (MG), mais do mesmo?** In: Fernandes, F. R. C.; Enriquez, M. A. R. S; Alamino, R. C. J.. (Org.). Recursos minerais & sustentabilidade territorial. 1ed. Rio de Janeiro: CETEM/MCTI, 2011, v. I, p. 199-228

MILANEZ, B. ; SANTOS, R. S. P. . **A Rede Global de Produção (RPG) do minério de ferro: empresas, Estado e agentes de contestação**. In: XVI Congresso Brasileiro de Sociologia. Salvador: Anais do XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, 2013.

PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade. **Antes fosse mais leve a carga: avaliação dos aspectos econômicos, políticos e sociais do desastre da Samarco/Vale/BHP em Mariana (MG)**. Mimeo, 2015.

VALE. Relatório **Anual de Demonstrações Financeiras**. Rio de Janeiro, 2013.

8. BIBLIOGRAFIA

- AMIG. **Informativo AMIG (Associação dos Municípios Mineradores de Minas Gerais)**. Congonhas: 2015.
- BOSSI, D. ; CHAMMAS, D. ; MILANEZ, B. ; CARNEIRO, M. S. . **Reféns da riqueza de nossa terra: os impactos da mineração sobre as comunidades**. Goiânia: CPT Nacional Brasil, 2010.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- COELHO, Tádzio Peters. **Mineração e dependência no quadrilátero ferrífero-aquífero: o discurso do desenvolvimento minerador e o projeto apolo**. Rio de Janeiro: 2012.
- COELHO, Tádzio Peters. **Mineração e dependência no quadrilátero ferrífero**. Rio de Janeiro: 2012.
- COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 2002.
- FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio; PICCININ, Fabiana (orgs.) **Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- GASPAR, Floriana de Fátima. **Aspectos do atual processo de urbanização de Brumadinho**. Belo Horizonte: 2005.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. V. 6. Florianópolis: Insular, 2012.
- GONÇALVES, R. J. A. F. ; MILANEZ, B. ; MENDONÇA, M. R. . **No horizonte, a exaustão**. O contexto da mineração no Brasil: mudanças globais, mudanças locais. In: Stefano, D.; Mendonça, M. L.. (Org.). **Direitos humanos no Brasil 2015: relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos**. São Paulo: Outras Expressões, 2015.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- LIMA, R. J. C.; SANTOS, R. S. P. **Formas de ação econômica e economicamente relevante na mineração de ferro: o caso dos conflitos socioambientais em Congonhas (MG)**. In: 37º Encontro Anual da ANPOCS. Águas de Lindóia: 2013.
- MARX, K. e ENGELS, F. A Ideologia Alemã, capítulo 1 ("Feuerbach"). In: FERNANDES Florestan (Org.). São Paulo: Editora Ática, 1983.
- MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- MILANEZ, B. **Grandes minas em Congonhas (MG), mais do mesmo?** In: Fernandes, F. R. C.; Enriquez, M. A. R. S; Alamino, R. C. J.. (Org.). **Recursos minerais & sustentabilidade territorial**. 1ed. Rio de Janeiro: CETEM/MCTI, 2011, v. I, p. 199-228

MILANEZ, B. ; SANTOS, R. S. P. . **A Rede Global de Produção (RPG) do minério de ferro: empresas, Estado e agentes de contestação.** In: XVI Congresso Brasileiro de Sociologia. Salvador: Anais do XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, 2013.

MILANEZ, B. ; CHAMMAS, D. ; BOSSI, D. ; MALERBA, J. ; CASTURINO, M. . **Impactos da mineração.** São Paulo: Le Monde Diplomatique (Brasil), 2010.

PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade. **Antes fosse mais leve a carga:** avaliação dos aspectos econômicos, políticos e sociais do desastre da Samarco/Vale/BHP em Mariana (MG). Mimeo, 2015.

PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade. **Considerações sobre o Termo de transação e de Ajustamento de Conduta firmado entre o Governo Federal, Governo do Estado de Minas Gerais, Governo do Estado do Espírito Santo, Samarco Mineração S.A., Vale S.A. e BHP Billiton Brasil LTDA.** Mimeo, 2016.

SANTOS, R. S. P.; MILANEZ, B. **Redes Globais de Produção (RGPs) e conflito socioambiental: a Vale S.A. e o complexo minerário de Itabira.** In: VII Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 2015, Goiânia. Anais do VII Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 2015. p. 2093-2108

SANTOS, R. S. P. **Da Estratégia corporativa à ação economicamente relevante: a CSN e a contestação social na mineração de ferro.** Maranhão: Revista Pós Ciências Sociais, 2015

SODRÉ, Muniz e Maria H. Ferrari. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

Vale. Relatório **Anual de Demonstrações Financeiras.** Rio de Janeiro, 2013.